

**Resumo:** No Português Europeu, do século XVI ao XIX, a ênclise e a próclise podem co-ocorrer no contexto sintático das orações afirmativas finitas não-dependentes *XP-V*, sendo *XP* um sintagma de natureza [+ referencial]. Em textos escritos antes do século XVIII, período este em que o uso da próclise predomina nesse contexto específico, Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) notam que a opção pela ênclise está fortemente associada ao uso do clítico *se*. Elas mostram que, em textos dos séculos XVI e XVII, um alto percentual de ênclise em sentenças sujeito-iniciais tipicamente traduz-se em uma alta proporção da ordem “sujeito + verbo + clítico *se*”. Esse mesmo paradigma, porém, não é observado para os textos dos séculos XVIII e XIX, a partir de quando passa a ocorrer um aumento generalizado no uso da ênclise. Isso porque, nos textos escritos por autores nascidos após 1700, a distribuição da ênclise com *se* e com os outros clíticos é muito mais balanceada. Dada essa particularidade no fenômeno da colocação de clíticos do Português Europeu envolvendo o pronome *se*, procuramos propor, dentro do quadro teórico da gramática gerativa, uma explicação para a relação entre a ênclise e o clítico *se* nos séculos XVI e XVII.

**Abstract:** In European Portuguese, from the 16<sup>th</sup> to the 19<sup>th</sup> century, enclisis and proclisis may co-occur in non-dependent affirmative sentences *XP-V*, *XP* being a [+ referential] phrase. In texts written before the 18<sup>th</sup> century, when proclisis is predominant in this specific context, Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) observe that the enclitic choice is strongly correlated with the use of the clitic *se*. They show that, in 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> century texts, a high rate of enclisis in subject-initial sentences typically translates into a high proportion of the word order “subject + verb + clitic *se*”. However this same paradigm is not observed in relation to the 18<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> century texts, when it occurs a generalized increase in the use of enclisis. This is so because, in the texts written by authors born after 1700, the distribution of enclisis with *se* and with other clitics is much more balanced. Given such particularity of the clitic-placement phenomenon in European Portuguese involving the clitic *se*, we try to propose, within the theoretical framework of the generative grammar, an explanation of the relationship between enclisis and the clitic *se* in the 16<sup>th</sup> and the 17<sup>th</sup> centuries.

---

<sup>1</sup> Este texto discute alguns aspectos abordados na dissertação de mestrado intitulada *O Clítico SE e a Variação Ênclise/Próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno*, apresentada no dia 17 de janeiro de 2007 ao programa de pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob a orientação da professora Dra. Charlotte Galves e com o apoio da FAPESP.

## INTRODUÇÃO

Na história do Português Europeu, durante o período de tempo que se estende do século XIII ao XIX, atesta-se uma variação empírica quanto ao posicionamento de pronomes clíticos junto ao verbo no contexto das orações afirmativas finitas não-dependentes *XP-V*, em que *XP* é um sintagma de natureza [+ referencial] (cf., entre outros, Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, Martins 1994 e Ribeiro 1995). Ou seja, nessa configuração sintática específica, registra-se tanto o clítico em posição pós-verbal, o que configura uma construção com ênclise (V-cl), bem como em posição pré-verbal, o que configura uma construção com próclise (clV). Nas sentenças de (1)-(3) a seguir, extraídas originalmente de Paixão de Sousa (2004), apresentamos exemplos ilustrativos dessa variação nos contextos em que o constituinte pré-verbal é um sujeito (1a,b), um sintagma preposicional (1c,d) ou um advérbio não-modal (1e,f).

- (1) a. Esta fortuna **pesa-me** já muito.  
 b. Ruy Lopes de Villa-Lobos **o recebeo** com muita honra.  
 c. Em troca disto, **ofereço-lhe** da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e...  
 d. Para os críticos **me deu** Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ...  
 e. Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho,...  
 f. Hoje me parto.

Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) mostram que, especificamente em textos de autores portugueses nascidos nos séculos XVI e XVII, período em que a próclise é a escolha predominante,<sup>2</sup> há uma forte relação empírica entre a colocação enclítica e o uso do pronome clítico *se* nos contextos sintáticos acima exemplificados. Isso porque, em textos que se diferenciam do padrão da época por apresentarem um alto índice percentual da ênclise, esse elevado índice percentual se traduz em uma alta proporção da ordem linear “V-SE”. Em textos de escritores nascidos do século XVIII em diante, a partir de quando a ênclise passa a ser empregada com

<sup>2</sup> Cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para uma visão geral da alternância ênclise/próclise nesse período.

mais frequência, vindo a se tornar a escolha categórica no estágio atual do Português Europeu (cf. nota 2), índices elevados de ênclise não mais necessariamente se traduzem em uma alta proporção da ordem linear “V-SE”. Para Galves, Britto & Paixão de Sousa, essa correlação entre a ênclise e *se* nos séculos XVI e XVII poderia ser o resultado do uso de construções passivas pronominais com um sujeito em posição pré-verbal.<sup>3</sup> A idéia é que, nessa seqüência específica de palavras, o verbo seria o primeiro constituinte absoluto da oração, já que o sujeito estaria, hipoteticamente, numa posição deslocada, o que constituiria uma configuração adequada para o desencadeamento da ênclise, dado o fato de que a escolha enclítica obedeceria à restrição de Tobler-Mussafia, que proíbe a linearização de um clítico em primeira posição absoluta na oração.

Neste artigo, nosso objetivo é apresentar, dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, uma explicação alternativa para a correlação entre a ênclise e o clítico *se* nos séculos XVI e XVII argumentando que, dadas as restrições da lei de Tobler-Mussafia, a correlação que Galves, Britto & Paixão de Sousa atestam é dependente de fatores discursivos e textuais, e não de uma eventual posição deslocada ocupada por sujeitos pré-verbais de sentenças passivas pronominais.

O artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 1, apresentamos em mais detalhes o que vem a ser a correlação entre a ênclise e o clítico *se* durante os séculos XVI e XVII, tal como apontada por Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), e ainda a proposta explicativa dessas autoras para tal correlação, bem como os problemas empíricos suscitados pela explicação por elas ofere-

---

<sup>3</sup> São chamadas de construções passivas pronominais as orações transitivas envolvendo o clítico *se*, nas quais o elemento desencadeador da concordância verbal é o objeto lógico (OL) da sentença, como ilustrado nos exemplos a seguir, extraídos de Mateus et al. (2003).

- (i) a. [Esse artigo]<sub>OL</sub> **publicou-se** no último número da revista.
- b. [Esses artigos]<sub>OL</sub> **publicaram-se** propositalmente no último número da revista.
- (ii) a. [O canivete]<sub>OL</sub> **usou-se** para cortar o pão.
- b. [Os três canivetes]<sub>OL</sub> **usaram-se** para cortar o pão.

Em construções dessa natureza, por desencadear a concordância morfológica com o verbo, à semelhança do que ocorre em construções passivas perifrásticas (verbo *ser* + particípio passado), o objeto lógico é tradicionalmente designado de sujeito da passiva.

cida. Na seção 2, apresentamos os argumentos de nossa proposta alternativa, reservando para a última seção algumas rápidas considerações finais.

### 1. A CORRELAÇÃO ÊNCLISE/SE

Analisando vinte textos escritos por autores portugueses nascidos entre 1542 e 1836,<sup>4</sup> Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) sinalizam que um dos argumentos a favor da relação entre o uso do clítico se e o desencadeamento da ênclise nos séculos XVI e XVII pode ser observado caso se olhe para sentenças com o verbo finito em segunda posição superficial, nas quais o constituinte pré-verbal é o sujeito (SV). A partir do gráfico 1, em que se contrasta o índice de ênclise com se e com outros clíticos, as autoras observam que um alto percentual de ênclise em sentenças SV nos textos dos séculos XVI e XVII se traduz em uma alta proporção da construção “V-SE” (cf. o percentual de Couto (cou), de Manuel da Costa (mco) e de Vieira em seus *Sermões* (vie-s)) – o que não é necessariamente o caso em relação aos textos dos séculos XVIII e XIX.

---

<sup>4</sup> Os textos investigados pelas autoras são os seguintes: 1) *Décadas*, de Diogo do Couto (1542-1606); 2) *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, de Luis de Sousa (1556-1632); 3) *Corte na Aldeia e Noites de Inverno*, de Francisco Rodrigues Lobo (1579-1621); 4) *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa (1601-1667); 5) *Cartas*, de Antonio Vieira (1608-1697); 6) *Sermões*, de Antonio Vieira (1608-1697); 7) *Cartas Familiares*, de Francisco Manuel de Mello (1608-1666); 8) *Cartas Espirituais*, de Francisco das Chagas (1631-1682); 9) *Nova Floresta*, de Manuel Bernardes (1644-1710); 10) *Cartas*, de José Cunha Brochado (1651-1735); 11) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus*, de Maria do Céu (1658-1753); 12) *A Vida do Padre Antonio Vieira*, de André de Barros (1675-1754); 13) *Cartas*, de Alexandre Gusmão (1695-?); 14) *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, de Matias Aires (1705-1763); 15) *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis Antonio Verney (1713-1792); 16) *Cartas do Abade Antonio da Costa*, de Antonio da Costa (1714-?); 17) *Dissertações*, de Correia Garção (1724-1772); 18) *Cartas*, de Marquesa de Alorna (1750-1839); 19) *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett (1799-1854); 20) *Cartas a Emilia*, de Ramalho Ortigão (1836-1915). Todos os textos fazem parte do *Corpus Tycho Brahe*, um corpus histórico do Português Europeu em formato eletrônico, e encontram-se disponíveis em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/index.html>.

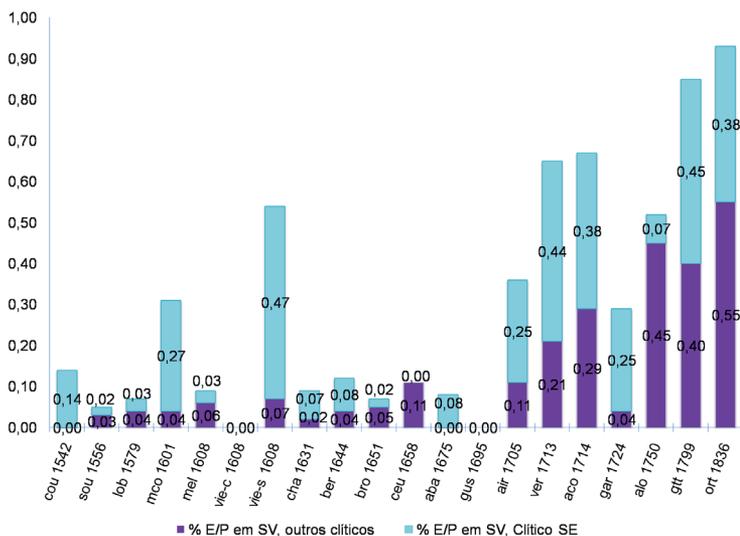


Gráfico 1: o índice de ênclise em sentenças SV – o clítico *se* em comparação a outros clíticos (Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005).

Como já colocado na introdução, partindo da idéia de que a ênclise nos séculos XVI e XVII, período este que será aqui designado de Português Clássico (PCI), deriva da lei de Tobler-Mussafia, isto é, da impossibilidade de o clítico estar em primeira posição absoluta na oração, Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem que o efeito do clítico *se* em favor do desencadeamento da ênclise nessa fase do Português resulta do emprego do clítico *se* passivo. Mais especificamente, essa relação existiria por conta do uso de construções com um sujeito de passiva pronominal em posição pré-verbal. Essa hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa é construída a partir do pressuposto de que o sujeito pré-verbal de sentenças com *se* passivo ocuparia uma posição externa à oração, como é defendido por Raposo & Uriagereka (1996) para o PE.5

<sup>5</sup> Uma das evidências apresentadas por Raposo & Uriagereka a favor da idéia de que o sujeito pré-verbal de passivas pronominais não ocupa a posição canônica de sujeito [Spec, IP] vem da distribuição de NP's nus. Enquanto NP's nus (singular ou plural) podem ocorrer na posição de objeto, eles não são permitidos em [Spec, IP] de orações ativas ou passivas perifrásticas, como ilustrado a seguir.

- (i) O Nestor compra salsichas no talho Sanzot.
- (ii) \*Salsichas são compradas ! no talho Sanzot.

Se de fato o sujeito pré-verbal de sentenças desse tipo ocupa uma posição externa à oração também no período clássico do Português, a correlação entre a ênclise e *se*, especificamente o de valor passivo, realmente seria algo esperado, pois, uma vez que a ênclise no PCI é derivada sempre que o verbo é o primeiro constituinte dentro do limite sintático da oração, a ordem de palavras “sujeito de passiva pronominal + verbo” seria uma configuração em que restaria ao clítico apenas a colocação pós-verbal, como ilustrado no esquema a seguir.

(2) Sujeito de passiva pronominal (Z) + verbo

a. Z # \_\_\_ V se

b. \* # Z se V

No que diz respeito ao período referente à gramática do PCI, entretanto, essa possível relação entre a ênclise e o uso de construções com um sujeito de passiva pronominal em posição pré-verbal, como assim defendem as autoras acima citadas, depara-se com alguns problemas. Destacamos que um deles é de natureza empírica e diz respeito ao fato de que a seqüência linear “sujeito de passiva pronominal + verbo” com próclise é registrada em diferentes textos desse período. Dados dessa natureza não seriam esperados dentro da idéia de que o constituinte morfologicamente marcado como sujeito nas sentenças desse tipo, quando em posição pré-verbal, ocupa uma posição externa à oração.<sup>6</sup>

---

(iii) \*Salsichas custam caro no talho Sanzot.

Um NP nu pode ser um tópico quando se encontra ligado a uma categoria vazia na posição de objeto, mas não a uma categoria vazia em [Spec, IP].

(iv) Salsichas, o Nestor compra  $\bar{t}$  no talho Sanzot.

(v) \*Salsichas, cv são compradas  $\bar{t}$  no talho Sanzot.

Em sentenças passivas pronominais, o sujeito pode ser um NP nu não apenas em posição pós-verbal, mas também em posição pré-verbal.

(vi) Vendem-se salsichas no talho Sanzot.

(vii) Salsichas, vendem-se  $\bar{t}$  no talho Sanzot.

Dado que NP's nus pré-verbais não podem ocupar [Spec, IP] (cf. (ii) e (iii)), pode-se concluir que o NP pré-verbal em (vii) não está nessa posição; ao invés disso, ele é um tópico, como em (iv).

<sup>6</sup> Cf. Antonelli (2007) para evidências adicionais contrárias à hipótese de Galves, Britto & Paixão de Sousa sobre a posição de sujeitos pré-verbais de passivas pronominais.

- (3) a. [<sub>Z</sub> Os Templos] **se guardam**; (F. Rodrigues Lobo, 1579)  
 b. [<sub>Z</sub> O navio] **se fez** em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. (Manuel da Costa, 1601)  
 c. [<sub>Z</sub> Os jogos seculares] **se chamavam** assim, porque se celebravam uma só vez de século a século; (Antonio Vieira, *Sermões*, 1608)  
 d. [<sub>Z</sub> A declaração do novo Rei] **se fêz** com grande cerimônia. (J. Cunha Brochado, 1651)

## 2. O CLÍTICO SE E O USO DE TÓPICOS CONTRASTIVOS

A partir de agora, pretendemos mostrar que a correlação entre o emprego da ênclise e o uso do clítico *se* no período anterior ao século XVIII, especialmente no século XVII, é o resultado de uma dinâmica entre fatores de natureza estilística e textual. Defendemos essa hipótese citando inicialmente o trabalho de Galves (2001), onde se registra que, nos *Sermões* de Vieira, todas as sentenças enclíticas com o sujeito em posição pré-verbal, por exemplo, são casos em que esse constituinte é contrastado com algum outro sintagma, geralmente um sujeito também, presente em outra oração. Os exemplos abaixo, extraídos do trabalho de Galves, ilustram exatamente isso.

- (4) a. Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizera a certeza das obras, que a da revelação; porque **a revelação** não me póde salvar sem boas obras; e **as boas obras** pódem-me salvar sem revelação.

*a revelação / as boas obras*

- b. E porque considera Deus não os passos, senão as pégadas? Porque os passos passam, as pégadas ficam; os passos pertencem á vida que passou, as pégadas á conta, que não passa. Mas differentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! **Nós** deixamos as pégadas de traz das costas, e **Deus** tem-n'as sempre diante dos olhos, com que as nota e observa: as pégadas para nós apagam-se, como formadas em pó, para Deus não se apagam, como gravadas em diamante.

*Nós / Deus*

- c. **Deus** julga-nos a nós por nós; **os homens** judgam-nos a nós por si.

*Deus / os homens*

Por sua vez, Galves nota que a próclise é superficializada quando nenhum valor contrastivo é conferido ao sintagma pré-verbal, como confirmam os exemplos em (5).

- (5) a. porque ainda que a vida e os dias em que peccamos passam, os peccados que n'elles commetemos, não passam, mas ficam depositados **nos thesouros** da ira divina. Falla o Apostolo por bocca do mesmo Deus, o qual diz no Deuteronomio: Nonne haec condita sunt apud me, et signata in thesauris méis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore. **Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados, se abrirão** a seu tempo, e se descobrirão para a conta no dia do Juizo, que isso quer dizer, in die irae, et revelatio-nis iusti iudicii Dei.
- b. **Sete fontes de graça** deixei na minha Igreja, (que é o benefício da justificação) para que n'ellas se lavassem as almas de seus peccados, e com ellas se regassem e crescessem nas virtudes. **Em uma te facilitei** em tal fôrma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar te prometi o perdão, que tu não quizeste aceitar, fugindo da benignidade d'aquelle sacramento como rigoroso, e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. **Em outra te dei** a comer minha carne e a beber meu sangue, e juntamente os thesouros de toda a minha Divindade, em penhor da gloria e bemaventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te creei.
- c. Esta differença dos signaes que então há-de haver, e agora não ha, é a que faz a differença dos effeitos muito mais para temer no Juizo de cada dia, que no fim do mundo. Que effeitos ha-de causar nos homens a vista d'aquelles signaes? **O Evangelhista o refere** por bem extraordinarios termos: Arescentibus hominibus prae timore, et expectatione, quae supervenient universo orbi.

Em (5a), o constituinte “Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados” é um elemento anafórico em relação a um sintagma precedente, no caso “nos thesouros”. Em (5b), uma leitura atenta mostra que os sintagmas “em uma” e “em outra” não expressam um contraste entre si, mas correspondem a subtópicos de um tó-

pico introduzido na sentença anterior, a saber, “Sete fontes de graça”. No caso de (5c), “O Evangelhista” é a fonte de uma citação textual, não apresentando valor algum de contrastividade.

A partir disso, Galves defende que o alto índice de ênclise nos *Sermões* de Vieira, como já observado em outros trabalhos,<sup>7</sup> deve ser relacionado, então, a um uso mais intenso daquilo que se poderia designar de topicalização contrastiva. A razão da escolha por essa estratégia discursiva se deveria ao fato da própria natureza textual dos *Sermões*: enquanto obras-primas do estilo de oratória barroca, a oposição entre termos se constitui em um recurso estilístico fundamental.<sup>8</sup>

Admitindo-se que tópicos contrastivos sejam adjuntos (visto que provavelmente possuam um contorno entoacional próprio), o padrão de colocação de clíticos nos *Sermões* passa a ser perfeitamente coerente com a hipótese proposta em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) e também assumida em Galves (2001) para a derivação da colocação de clíticos no PM, a saber, que a ênclise é superficializada a partir da restrição a clíticos na primeira posição estrutural da oração. Em outros termos, sentenças com tópicos contrastivos em posição pré-verbal assumiriam a estrutura sintática em (6a), em oposição à (6b).

(6) *Tópico Contrastivo (TC) + Verbo*

a. TC # V cl

b. \* # TC cl V

Além disso, como Galves destaca, essa análise provê uma explicação simples para o aparente contraste entre os *Sermões* e as *Cartas* de Vieira, que apresentam muito menos ênclise. Os dois textos seriam igualmente representativos da gramática do PCl, mas as cartas, enquanto gênero textual não representativo do estilo de oratória barroca, não favoreceriam o emprego de topicalizações contrastivas. De fato, como é mostrado por Galves, os poucos casos de ênclise encontrados nas cartas também corroboram a proposta para a implementação da colocação de clíticos defendida

<sup>7</sup> Cf. Martins (1994) e Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), assim como o gráfico 1.

<sup>8</sup> Cf. Saraiva & Lopes (1996). Retomaremos esse aspecto mais adiante.

em seu trabalho e em Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005). Por exemplo, não é atestada sentença alguma com ênclise em que o sintagma pré-verbal seja um sujeito. Na realidade, encontram-se apenas casos com a seqüência *Sujeito + X + V + cl.*

(7) a. **Nós**, pelo contrário, **pegamo-nos** a que tudo se deve repor no estado em que estava ao tempo da publicação da trégua, e nos ajuda a isto o exemplo da fortaleza de Galé em Ceilão, e a resposta que os mesmos Estados deram ao embaixador Francisco de Andrada, em que deliberaram isto mesmo.

b. E mais **Abel**, Senhor, **salvou-se** e está no Céu.

Nos dois exemplos, o sujeito é separado do verbo por algum sintagma adjunto à oração: um PP adverbial sentencial em (7a) e um vocativo em (7b). Ou seja, esses exemplos claramente mostram que a ênclise aparece sistematicamente quando o sintagma pré-verbal se encontra externo à oração, dando suporte ao que é defendido por Galves, Britto & Paixão de Sousa.

Trazendo essa discussão especificamente para o universo de sentenças com *se*, ao analisarmos o mesmo conjunto de textos investigados por Galves, Britto & Paixão de Sousa (cf. nota 4), pudemos constatar que essa relação entre a ênclise e o uso de tópicos contrastivos em posição pré-verbal, tanto em construções com *se* passivo bem como em construções com o clítico *se* de outra natureza, também é válida nos *Sermões* de Vieira, como exemplificam os dados em (8).

(8) a. **As outras profecias** cumprem-se a seu tempo, **esta do dia do Juízo** tem o seu cumprimento antes do tempo;

*As outras profecias / esta do dia do Juízo*

b. **Elles** conheciam-se, como homens, **Christo** conhecia-os, como Deus

*Elles... como homens / Christo... como Deus*

c. **No tempo da paz** póde-se soffrer, que se deem os logares ás gerações; mas **no tempo da guerra**, não se hão-de dar senão ás acções.

*No tempo da paz / no tempo da guerra*

- d. **Entre as feras** tomava-se com os leões, e **entre os homens** com os gigantes.

*Entre as feras / entre os homens*

Porém, mais interessante ainda, verificamos que o uso de tópicos contrastivos não se restringe aos *Sermões* de Vieira. Na realidade, outros autores do século XVII fazem uso desse recurso estilístico, como mostramos nos exemplos a seguir.

- (9) a. Dirá alguém que he, porque gastaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração, que todos gastaõ da fazenda Real, e aquelles guardaõ para si, e estes para seu dono: **aquelles** pagaõ-se por sua maõ, e **estes** não trataõ de paga, senaõ de restituiçaõ. (Manuel da Costa, 1601)

*aquelles / estes*

- b. Assim saõ os ladroens: **na Casa da Supplicação** chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas **nas ruas**, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns saõ Godos, outros chamaõ-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos saõ piratas. (Manuel da Costa, 1601)

*na Casa da Supplicação / nas ruas*

- c. Os mundanos apetezem o que se vê, porque vivem pelo sentido; os espirituais amam o que se não vê, porque vivem pela fé, como repetidamente diz o apóstolo: *Justus ex fide vivit*. **Uns** vão-se com as visões de Satanás, porque oculos suos statuerunt declinare in terram; só sabem olhar para baixo; **outros** com as de Deus, porque seu modo de olhar é para cima: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in Caelis*. (Manuel Bernardes, 1644)

*Uns... com as visões de Satanás / outros com as de Deus*

Em (9a), o contexto geral do exemplo apresentado é uma contraposição que se traça entre o comportamento de súditos reais que têm por interesse simplesmente o benefício próprio e a atitude de súditos que se portam de maneira honesta diante das rendas públicas com as quais lidam. Assim, “aquelles” faz referência ao primeiro grupo, enquanto que “estes” é uma referência

ao segundo. No exemplo (9b), os PP's locativos “na Casa da Supplicação” e “nas ruas” se contrapõem na medida em que fazem referência a lugares onde os ladrões recebem designações opostas: em um, são tratados por infames, em outro, recebem renomes bastante nobres. Quanto à (9c), “uns” e “outros” estabelecem uma relação de contraposição, dado que retomam a referência de “os mundanos” e “os espirituais”, respectivamente, termos estes que designam dois grupos de pessoas com comportamentos que o autor procura opor entre si.

Quanto aos dois textos mais enclíticos do período que engloba os séculos XVI e XVII, *A Arte de Furtar*, de Manuel da Costa, e os *Sermões*, de Antonio Vieira, pudemos constatar que, no âmbito exclusivo das construções com *se*, o percentual de construções enclíticas nessas duas obras é composto de maneira significativa de estruturas em que o elemento pré-verbal é um sintagma de natureza contrastiva. No gráfico 2, apresentamos a incidência de sentenças enclíticas com um sintagma contrastivo em posição pré-verbal em comparação com a incidência de orações enclíticas em que o constituinte pré-verbal não é um elemento de natureza contrastiva, considerando-se o percentual geral da ênclise em relação à próclise nos textos desses dois autores.

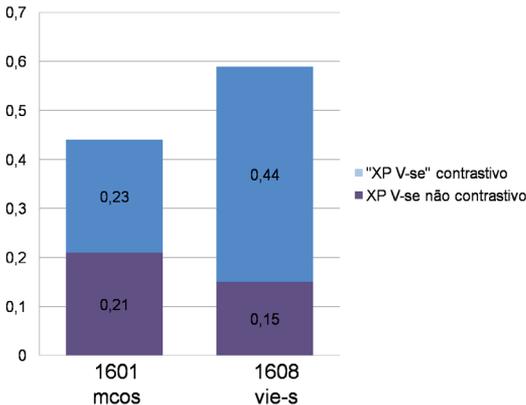


Gráfico 2: o percentual de construções enclíticas com sintagmas contrastivos e o percentual de construções enclíticas com sintagmas não contrastivos dentro do percentual geral de ênclise (SV + XV) em construções com *se* – Manuel da Costa e *Sermões* de Vieira.

O gráfico 2 nos permite observar que, nos textos dos dois autores em questão, a decomposição do percentual geral de sentenças enclíticas entre orações com sintagma contrastivo em posição pré-verbal e orações com sintagma não-contrastivo em posição pré-verbal sinaliza o fato de que o índice mais elevado de ênclise nesses dois autores no âmbito das sentenças com *se* está relacionado ao emprego de construções com valor de contrastividade. No texto de Manuel da Costa, dos 36% de ênclise com o clítico *se*, 15% correspondem a construções com um sintagma contrastivo em posição pré-verbal. No caso dos *Sermões* de Vieira, isso é mais evidente ainda, pois, dos 67% de ênclise, 44% correspondem a estruturas com um sintagma de valor contrastivo em posição pré-verbal. O que os dados sugerem, então, é que uma forte razão para as obras desses autores apresentarem um índice de ênclise consideravelmente superior ao de seus contemporâneos é que, em seus textos, há um emprego mais recorrente de construções em que o sintagma pré-verbal é um elemento de natureza contrastiva. Essa conclusão tem a vantagem de estar em consonância também com a proposta de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para a derivação de clíticos no PCl, que prevê a superficialização da ênclise apenas em estruturas verbo-iniciais.

A partir dessas considerações, a correlação entre a ênclise e o uso de sentenças com o clítico *se* atestada no período clássico do Português Europeu talvez seja melhor colocada da seguinte maneira. Em termos puramente estruturais, as sentenças com *se* não apresentariam diferença alguma de natureza sintática em relação às construções com outros clíticos, diferença esta que pudesse vir a favorecer o desencadeamento da opção enclítica. O que se pode pensar, porém, é que as sentenças com *se*, em virtude de uma conjunção de fatores de ordem discursiva e textual, sejam mais apropriadas sempre que se queira empregar uma construção na qual esteja em jogo um valor semântico de contrastividade, como é o caso das orações com um sintagma contrastivo precedendo o verbo. Como o emprego de tópicos de natureza contrastiva em posição pré-verbal cria as condições necessárias para que a ênclise

seja desencadeada, tem-se delineada, desse modo, a relação entre a ênclise e o clítico *se*.

A questão que surge então é por que razão as orações com o clítico *se* parecem favorecer o uso de estruturas com sintagmas contrastivos. A esse respeito, gostaríamos de tomar como exemplo novamente os *Sermões* de Vieira. No livro *História da Literatura Portuguesa*, Saraiva & Lopes argumentam que, enquanto gênero literário tal como praticado no século XVII, o sermão se desenvolve a partir de um texto bíblico que é comentado de acordo com o tema e as teses que o orador tenciona desenvolver. É também mostrado que os oradores em geral, e no caso de Vieira especialmente, recorrem a processos que procuram dar ao texto um caráter de alto rigor lógico, processos que, nas palavras de Saraiva & Lopes, “aparentam toda a solidez de uma engenharia infalível” (*op. cit.*, p. 524). Nesse sentido, torna-se legítimo imaginar um sermão como um texto no qual aspectos de personalidade e subjetividade não contribuam para a tarefa de expor a mensagem que ao orador interessa apresentar. Assim, nada mais natural do que lançar mão de recursos gramaticais para a construção de uma tese o mais impessoal e objetiva possível. Por sua vez, textos mais ligados ao universo da subjetividade, como as cartas, por exemplo, apresentariam outras marcas gramaticais que os caracterizam propriamente como tais.

No âmbito dessa discussão, é ilustrativo o trabalho de Chociay (2003). Em sua pesquisa, é investigado o papel do tipo de clítico na ordem proclítica ou enclítica em textos escritos por autores nascidos entre os séculos XVI e XIX. No caso do padre Antonio Vieira, comparando-se as *Cartas* com os *Sermões*, Chociay verifica que o clítico *me*, notadamente uma forma gramatical que denota subjetividade, corresponde a 22% do percentual total de clíticos no primeiro tipo de texto, ao passo que no segundo, o índice desse clítico é de apenas 2%. Com relação ao clítico *se*, nas cartas, esse pronome clítico equivale a 38% do conjunto geral de clíticos, porém, nos *Sermões*, seu índice atinge o percentual de 64%. Esses resultados podem levar a imaginar que o clítico *se* está associado de maneira mais evidente a gêneros textuais nos quais

a impessoalidade e a objetividade sejam traços mais marcantes, como seria o caso de um sermão.

Acrescente-se a isso o fato de que, nos *Sermões* de Vieira, o jogo das oposições é uma estratégia estilística de destaque, uma vez que contribuiria significativamente para a interpretação das palavras bíblicas e para a busca e demonstração de sua essência (cf. Saraiva & Lopes, *op. cit.*). Ou seja, tem-se aqui a conjunção de dois fatores. De um lado, o tipo de texto, caracterizado basicamente como um gênero literário que tem por finalidade propor um comentário, especificamente em torno de questões religiosas, e que, por hipótese, estaria mais propenso a organizar o discurso em torno da impessoalidade, favorecendo o uso do clítico *se*, como sugere o trabalho de Chociay (2003). Por outro lado, o fato de que, no âmbito desse gênero textual específico, o emprego de termos contrastivos é uma estratégia fundamental no processo de comentar a mensagem bíblica. Assim, torna-se plausível supor que a utilização de topicalizações contrastivas se mostre mais intensa no âmbito de sentenças com *se*, o que, de fato, apontam os nossos resultados em torno dos *Sermões* do padre Vieira.

O mesmo tipo de argumento poderia ser apresentado para o texto de Manuel da Costa, *A Arte de Furtar*, em que também se tem um uso bastante significativo de ênclise com tópicos contrastivos no âmbito das sentenças com *se*. Segundo Saraiva & Lopes, essa obra é um depoimento literário muito completo e variado acerca da realidade social do tempo de D. João VI, com a exposição de informações concretas e precisas, sugerindo que essa obra também possa se caracterizar mais como um texto de caráter impessoal do que de natureza subjetiva. Quanto à incidência do tipo de clítico, Chociay mostra que o texto de Manuel da Costa apresenta um padrão muito semelhante ao dos *Sermões* de Vieira. Como registra a autora, o clítico *me* corresponde a 5% do total de clíticos (2% nos *Sermões*), enquanto o clítico *se* corresponde a 63%, índice absolutamente próximo dos 64% nos *Sermões*. A esse dado, acrescente-se ainda o fato de que *A Arte de Furtar*, como assinalam Saraiva & Lopes, é uma obra barroca, que faz um uso sistemático de oposições verbais. Aliás, diga-se de passagem, a primeira edição desta obra, datada de 1652,

aparece sob o nome do padre Antonio Vieira, ou seja, um indício a mais para pensar que tanto a obra de Manuel da Costa como os escritos de Antonio Vieira possam apresentar similaridades sintáticas e discursivas bastante significativas. Dentro dessa perspectiva, pode-se esperar que o uso de topicalizações contrastivas com o clítico *se* também se mostre bastante intenso em *A Arte de Furtar*, recebendo a mesma explicação que se coloca para o caso dos *Sermões* de Vieira.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos oferecer uma explicação teórica para a correlação já registrada entre a colocação enclítica e *se* na gramática do PCl. Tivemos como objetivo mostrar que, dadas as condições estruturais que determinam a escolha enclítica no PCl, a correlação empírica entre a colocação enclítica e *se* nos textos produzidos por falantes dessa gramática depende de uma associação intrínseca entre fatores estilísticos e textuais: por um lado, o tipo de texto que favorece o uso do clítico *se*, e, por outro, o fato de que, nos textos em que é mais propício o emprego de *se*, faz-se uso em maior quantidade de um recurso estilístico que cria as condições necessárias para o desencadeamento da ênclise.

### REFERÊNCIAS

- ANTONELLI, A. **O Clítico SE e a Variação Ênclise/Próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno**. 2007. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- BRITTO, H. **Clíticos na História do Português**. 1999. (Relatório técnico apresentado à FAPESP.) Disponível em: <[http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/hbritto\\_page](http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/hbritto_page)>.
- CHOCIAY, L. **O Papel do Tipo de Clítico na Ordem Proclítica ou Enclítica no Português Clássico**. Campinas: UNICAMP, IEL, 2003.
- GALVES, C. “Syntax and Style in Padre Antonio Vieira”. In: H. Sharrer & E. Raposo (orgs.). **Santa Barbara Portuguese Studies**. 2001. vol. VI.
- GALVES, C., BRITTO, H., PAIXÃO DE SOUSA, M. C. “The Change in Clitic Placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”. **Journal of Portuguese Linguistics**

**tics**, n. 1, p. 39-67, 2005.

MARTINS, A. **Clíticos na História do Português**. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600**. 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RAPOSO, E.; URIAGEREKA, J. “Indefinite *SE*”. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 14, p. 749-810, 1996.

RIBEIRO, I. **A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o Efeito V2**. 1995. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

SARAIVA, A.; LOPES, O. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1996.